

EDUCAÇÃO FEMININA NA BAHIA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE LITERATURA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Autora (1) Rita de Cássia Costa Moreira¹, Autora (2) Maria José Souza Pinho²

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB/ DEDC/ CAMPUS VII – mjpinho@uneb.br

RESUMO

A história de mulheres e homens é atravessada por linguagens, por relações de gênero e poder que inserem diferentemente os sujeitos na história. A forma como as mulheres tiveram acesso aos processos e espaços educacionais, é fator determinante de sua participação no mundo público. Neste artigo, uma breve e provocativa análise da trajetória da professora e escritora baiana Mabel Velloso: sua formação, sua experiência em educação, seu envolvimento com a leitura e a literatura, suas publicações e suas implicações com a tradição cultural baiana, na busca de uma profícua interlocução entre a sua história, a História da Educação e das mulheres na Bahia.

Palavras-chave: História, Relações de gênero, Educação feminina.

ABSTRACT

The history of women and men is crossed by language, by gender and power relationships that insert differently the subjects in the story. The way that womens had access to educational process and educational spaces, is a determining factor of their participation in the public world. In this article, a brief and provocative analysis of the trajectory of the teacher and writer baiana Mabel Velloso: their training, their experience in education, hers involvement with reading and literature, hers publications and its implications with the baiana cultural tradition in the pursuit of a fruitful dialogue between her history, the history of education and of womens in Bahia.

Keywords: History, Gender relations, Female education

1. Introdução

¹ Socióloga e Doutora em Educação pela FACED/UFBA – rccmoreira@yahoo.com.br

² Bióloga, Mestre e Doutora em Educação/UFBA. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia/UNEB – mjpinho@uneb.br.

Excluídas da educação formal até o século XVIII, aproximadamente, quando o advento da burguesia inscreveu profundas mudanças e marcas na história e na realidade social: na economia, a ascensão do capitalismo e a necessidade de mão-de-obra; na família, pautada nos rígidos e conservadores ideais vitorianos, o modelo nuclear – pai, mãe e filhos; na educação, o espaço escolar como reduto exclusivo do saber legitimado; as mulheres eram educadas em casa, para que impregnadas do pensamento moral e dos bons costumes, exercessem a sua missão/destino: a maternidade. Em casa, até o momento em que eram enviadas aos conventos, as meninas eram educadas para a assunção do papel social de esposa, mãe, cuidadora.

A escola como instituição responsável pelo ensino formal (inicialmente para meninos) nasceu, fortaleceu-se e legitimou-se no seio desta ideologia burguesa e do ideal de formar meninos/homens para a “vida” e, conseqüentemente, para o espaço público³; ao tempo em que formava meninas para o lar, para vida em família, para o espaço privado, e para a maternagem. Uma escola fortemente inspirada nos ideais romanos de educação (formação de jovens e de carreira cujo interesse seja a ocupação do espaço social), onde a valorização do intelecto e a instrução literária fincada em modelos foram determinantes para a separação entre o ambiente doméstico (interpretado como feminino) e o não doméstico (fora de casa, masculino).

Uma escola marcadamente presente na trajetória da professora e escritora baiana Mabel Velloso: em sua formação (o magistério), em sua experiência educativa (professora primária e Diretora de escola pública), em seu envolvimento com a leitura e a literatura, em suas publicações – rico acervo da tradição cultural baiana, em sua ação como contadora de história e formadora.

Neste artigo, um breve e provocativo mergulho na prosa poética de Mabel Velloso e, ao mesmo tempo, na história da educação feminina na Bahia; nesta interlocução, um encontro com a História, a Educação, a Literatura, as Relações de Gênero.

2. Educação feminina: escrita e liberdade

Os primeiros conventos/escolas para mulheres foram fundamentais para a manutenção da cultura e do pensamento dominante - heterossexual e androcêntrico - mas também para a “libertação” feminina. Nos conventos, inicialmente a única via de acesso para a formação feminina

³ Cabe ressaltar que Público e Privado são expressões aqui utilizadas como categorias de análise feminista e compreendem a concepção historicamente construída de Público: como espaço masculino, legitimado (fora de casa); e Privado como espaço feminino, desvalorizado (doméstico).

– a possibilidade de pensar numa mulher educável, pronta para ajustar-se ao modelo da mulher ideal (incansável, bem formada, maternal, submissa) – a mãe – dona de casa. Na escola, o domínio da escrita e de conhecimentos que dessem suporte para o bom desempenho do papel doméstico, um papel decisivo para a formação e reprodução de mão-de-obra, papel que permitiria à mulher maternar de acordo com os padrões éticos e religiosos do período.

Cuidado, atenção, carinho, idoneidade e proximidade com a maternagem, configuraram a atividade docente no Brasil como forma legitimada de inserção das mulheres no universo do trabalho e na ocupação do espaço público. Uma ocupação apontada como caminho para a realização pessoal, profissional e cidadã pois era preciso ser útil à pátria num momento de grandes transformações políticas e econômicas porque passava o país no século XX. Assim ilustra Jane Almeida (1998, p. 33) sobre a instrução feminina no século XIX:

Mantida dentro de certos limites, a instrução feminina não ameaçaria os lares, a família e o homem. Essa educação, que a princípio e de acordo com a tradição portuguesa, fora negada sob o pretexto de que o conhecimento e sabedoria eram prejudiciais e desnecessários a sua frágil constituição física e intelectual, acabou por revelar-se desejável a partir do momento em que a mulher passou a ser vista, na sociedade da época, como a principal mantenedora da família e da pátria.

A modernização da sociedade, os discursos que defendiam o papel da mulher como “talhado” para o magistério, a discutível associação à maternidade e ao essencialismo⁴, favoreceram sua entrada e permanência neste campo profissional. Nessa perspectiva, a mulher-professora foi vista como sinônimo de cuidado, de ternura, de docilidade e, não necessariamente, de competência. Sua ação profissional seria vocação, seria missão o que favoreceria um imaginário que as distanciava de reivindicações político-salariais (FARIA FILHO, 2005). Já o homem professor era visto como profissional revestido de autoridade, de poder, de competência.

Apesar da paradoxal situação de dirigida (submissa ao marido), e dirigente na função professora/dona de casa, a docência feminina marcou, no cenário brasileiro, a tentativa de uma reconhecida ocupação do espaço público pelas mulheres. Mesmo porque, o avanço do capital e a crescente urbanização e industrialização trouxeram, em seu bojo, a mudança de mentalidade, de papéis e atuação na vida social, para mulheres e homens. Tornava-se necessário, portanto, adequar a educação feminina ao novo projeto social. Vale ressaltar, que essa adequação ainda estava longe do reconhecimento ideal, mas evidenciava-se como um processo irrefreável de transformações e de

⁴ Ideia de uma essência universal e comum a todas as mulheres, espinha dorsal do determinismo biológico

configuração de um novo olhar sobre a questão feminina. Como bem analisa Helleieth Saffioti (1976: p. 179-180):

[...] Deste maior ajustamento da estrutura da família às novas condições de vida urbano-industrial adviriam profundas alterações na educação feminina. Se, por um lado, o ideal da educação doméstica se conservava, por outro lado, a necessidade da educação escolarizada para a mulher fazia sentir-se de maneira crescente. Obviamente, este processo não representava a consciência de que a mulher deveria receber educação idêntica à do homem, nem a equiparação social dos papéis tradicionalmente atribuídos a representantes de um e outro sexo.

Dos primeiros movimentos em prol da educação feminina realizada nos conventos, à outra ação sobre a educação e a inserção das mulheres na dinâmica social, transformações e permanências. Este mesmo convento que cerceava e autorizava a leitura feminina e sua apresentação à língua escrita, se tornou também o passaporte para a sua consciência crítica, um paradoxo que permitiu a muitas mulheres dar um decisivo passo em direção à sua visibilidade histórica.

Da leitura de missais, da Bíblia, dos cânticos religiosos e dos romances familiares e educativos, para a escrita. Uma escrita, de início, ligada à religiosidade, à formação cristã, às íntimas expressões de um diário fechado a “sete chaves”, às correspondências entre amigos e familiares. Da escrita íntima para o mundo, para os jornais, as revistas, os livros. Um caminho de poucos registros históricos, quando comparados ao acervo masculino, mas de muitos vestígios. Como historiam Michele Perrot e Georges Duby (1994), essas mulheres, pioneiras da escrita, ilustraram diferentes tempos e contextos históricos com uma original e situada, visão de mundo.

Um caminho também vivido por Mabel Velloso - o Colégio de freiras, como de tantas outras mulheres ao longo da história, marcou o início de sua formação escolar. Um espaço prenhe de ideologias, de estereótipos, representações sobre ser mulher, ser homem; espaço de assimetrias, de relações de poder. Inicialmente num Colégio de Freiras em Santo Amaro, o Nossa Senhora dos Humildes (onde estudou até o 4º ano primário) e depois em Salvador, juntamente com suas irmãs e irmãos recebeu educação esmerada, nos melhores colégios da época. O que lhe permitiu circular entre a poesia, a música, a literatura, os manuais de comportamento, a severa disciplina e neles, a ampliação da leitura de mundo e a manutenção da ideologia vigente.

Um colégio de referência, sempre perto de casa, não interno (o externato foi incorporado à prática escolar nos primeiros anos do século XX), mas cheio de exigências, de austeridade. Neste espaço as meninas internalizavam valores morais, costumes, tradições, fé católica e conhecimentos específicos para que assumissem seu papel de mulher: a casa, os filhos, o marido. Como afirma

Elizete Passos (1995, p. 121) “[...] as mulheres deviam receber uma educação firme, capaz de prepará-las para ocuparem-se da casa e dos filhos”.

O Santa Bernadete⁵ foi o Colégio de freiras onde Mabel Velloso ingressou no 5º ano, já em Salvador. O ano vivido neste colégio deixou fortes marcas na jovem Mabel Velloso:

Primeiro que lá tive logo zero em redação; a freira/professora mandou todo mundo escrever o dia mais feliz da vida, botou no quadro “escrever sobre o dia mais feliz da vida” - e eu escrevi. E quando veio todo mundo dando nota boa, o meu foi zero porque eu descrevi o dia mais feliz da minha vida: um banho que eu tomei de cachoeira e tinha que ser o dia da primeira comunhão, aí foi o primeiro zero e o único que eu tomei na minha vida. Eu fiquei muito assustada e decepcionada (VELLOSO, MABEL – depoimento pessoal)

Marcas ressignificadas quando do seu ingresso, aos 14 anos, no Ginásio Itapagipe (hoje João Florêncio Gomes); Colégio Estadual inaugurado em 1949 e inspirado numa educação para a sensibilidade, para a musicalidade, para o conhecimento.

Dirigida pelo educador baiano Doutor Adroaldo Ribeiro Costa⁶, conhecido por suas ideias originais e inovadoras em educação, esta instituição teve participação fundamental na formação educacional de Mabel Velloso. Neste colégio, tão diferente daqueles gerenciados pelas Irmãs, a jovem Maria Isabel encontrou como relata, a “*salvação da minha vida*”. Nele escrevia bastante e com prazer redação, dissertação, composição sobre temas livres, sob a orientação das professoras *Candolina e Iramaya*, professoras de Língua Portuguesa e ícones da educação na Bahia entre 1930 e 1970. Não à toa Caetano Velloso registrou no poema/canção *Neide Candolina* (1991), sua homenagem a esta grande educadora: “[...] Ela é Neide Candolina total. É a cidade, a baía da cidade, a porcaria da cidade, tem que reverter o quadro atual para lhe ser igual”.

Educada sob os inflexíveis padrões do Colégio de freiras, e ao mesmo tempo num ambiente familiar “*onde as coisas eram todas muito naturais*”, Mabel Velloso viveu sua experiência educativa e escolar, como menina/mulher educável entre as décadas de 1930 e 1950⁷. Em Santo Amaro, cidade histórica e patriarcal do Recôncavo Baiano, ela viveu as primeiras experiências com as letras ouvindo histórias, poemas e canções com a mãe, o pai e a cozinheira.

⁵ Colégio situado na Ribeira, mais especificamente no Convento da Penha, criado por freiras alemãs refugiadas da guerra, sob a inspiração da Congregação das Freiras Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em 1930.

⁶ Adroaldo Ribeiro Costa (1917-1984), advogado, escritor, compositor, professor e jornalista, cedo envolveu-se com o magistério e com atividades literárias, teatrais e esportivas com seus alunos. Fundou, com a professora Denise Tavares, a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato e foi professor, e diretor do Instituto Normal da Bahia - ICEIA

⁷ Período de grandes transformações e acontecimentos: no Brasil a Revolução de 30 e a ditadura da Era Vargas, o Modernismo, o fortalecimento do cinema e da música nacional e das chanchadas, a saga dos cangaceiros; no mundo: o Fascismo de Adolf Hitler, a 2ª Guerra Mundial, a Bomba Atômica, o sucesso das produções de Hollywood, os Anos Dourados, as tecnologias de massa...

No tradicional bairro da Ribeira, a jovem Mabel Velloso desenvolveu outro olhar sobre a escola, a educação, as trocas sociais. Aí caminhou pelas leituras clássicas, pela emoção da escrita “livre”, pela valorização de sua capacidade criativa e escritora, pelo amor à docência, por novas possibilidades de pensar. Para ela (em depoimento): *“Foi muito bom, mas um tempo muito bom meu tempo de aula, de escola de tudo, foi muito bom - tanto que eu acho que escola é a coisa melhor do mundo”*.

No Instituto Normal, hoje ICEIA, formou-se professora. O Instituto Normal da Bahia, construído entre anos de 1936 a 1939, em seus 176 anos de história, foi inaugurado 1939, abrigou (e ainda abriga) estudantes de diferentes idades e classes sociais. Seu ensino público e gratuito focalizava crianças do Jardim de Infância, (hoje Educação Infantil) ao Magistério. Numa estrutura construída sob a inspiração arquitetônica modernista da década de 30, salas amplas, bem ventiladas, com largas galerias, era apto para atender à crescente demanda educativa da capital baiana. Lá, para a jovem, sensível e já ativa professora Mabel Velloso, havia inspiração. Avidamente ensinava saberes, vida, arte, sensibilidade, poesia; assim exercitava seus dotes docentes, sua veia poética, sua paixão pela literatura.

Sua eclética experiência com as valsas, cantaroladas pela mãe, D. Canô, os poemas de Castro Alves e Artur Sales declamados pelo pai na hora de dormir, os textos bíblicos, as/os docentes que marcaram sua vida, os manuais de conduta lidos e interpretados na escola e a forte influência da cultura regional promoveram, num misto de ansiedade, beleza e medo, um olhar sensível, poético e ao mesmo tempo lúcido sobre a realidade, a docência e as relações sociais. Promoveram, na mulher Mabel uma formação fincada no compromisso de ensinar, na experiência prática, no prazer e no desejo de educar para a consciência crítica e a sensibilidade.

3. As muitas vozes e histórias de Mabel

A vida, e a trajetória escolar e docente de Mabel Velloso se configuraram numa complexa mistura de experiência, sentimentos, aprendizagens, silêncios e história. Um caminho que a levou a romper a muralha do silêncio feminino, como tantas antes dela ousaram fazer (PERROT, 2008), Mabel Velloso revelou seus escritos. Não sem medo, não sem receio. Seus textos, inicialmente poéticos, foram lidos por sua advogada e amiga que imediatamente cuidou para que fossem publicados. Vem daí a primeira exposição pública de seus desabafos no livro Pedras de Seixo (1980), motivando uma série de outras publicações onde em prosa e poética revela sinais, traços e

íntimos detalhes de sua história, trajetória, e construção de identidades: **Mulher nos cantos e na poesia** (1987), **Terno** (1995), **Poemas Grisalhos** (1997), **Candeias** (2000), **Donas** (2003) e **Conversando com Nossa Senhora** (2011).

A confortável situação financeira da família (seu pai, José Telles Velloso, era funcionário da Agência dos Correios e Telégrafos onde desempenhava a função pública de Agente Postal Telegráfico) lhe permitia o acesso à literatura clássica e aos poetas de que mais gostava: Artur Sales⁸ e Castro Alves⁹. Com eles e sua poética, Seu Zezinho, como era chamado, embalava as noites de seus filhos, despertava neles fortes sensações e educava para o amor à leitura, à literatura, à palavra, à família.

Já a mãe, Dona Canô dirigia o bastidor, aparelho para bordar, em formato circular que lembrava a Mabel Velloso, um volante. Neste “volante”, sua mãe dirigia os fios, superava obstáculos, fazia escolhas, driblava e marcava caminhos, educava. Enquanto bordava, Dona Canô cantava, conversava e repetia; repetia e ensinava; ensinava modelos, papéis, canções e tradições; e despertava na menina Mabel Velloso sonhos, quereres, poesia. No livro *Donas* (2003, p. 29), ela revela a força dos ensinamentos de sua mãe nos longos e prazerosos momentos em que a canção, emprestando sonoridade e leveza ao dia a dia, ensinava.

Na educação de Mabel Velloso a presença de um ensinamento fortemente vinculado à cristandade como revela no livro *Conversando com Nossa Senhora*. Esta mesma cristandade revela Maria que, com diferentes nomes e representações expõe um projeto de vida para outra forma de poder; não o poder criador, a autoridade suprema vinculada à masculinidade, mas o poder da doação, da abnegação e do amor incondicional associado à feminilidade e à maternidade: “[...] Toda criança aprende cedo a chamar Mãezinha do Céu. Para que cresça com saúde e seja sempre uma boa criança. [...] Uma só Maria com tantas invocações. Cada uma oferecendo mais segurança, força e fé”. (VELLOSO, 2011, p 21). Uma formação determinante para as interpretações sobre o ser e o fazer de mulheres e homens na dinâmica social ao longo dos tempos.

Relatando a sua, e tantas outras histórias nas teias do seu discurso, Mabel Velloso nos convida a pensar e a despertar. Pensar na força das construções ideológicas veiculadas através dos processos

⁸ **Artur de Sales** (1879 – 1952), poeta baiano, natural de Salvador, tem sua produção poético/literária situada entre os anos de 1901 a 1930. Foi nomeado imortal pela Academia Baiana de Letras, onde ocupou a cadeira de número 03 até sua morte em 1952(VEIGA, 1984). São dele os poemas *Lúcia e Ocaso no Mar*, citados por Mabel Velloso como os preferidos de seu pai para ninar os filhos.

⁹ **Antonio de Castro Alves** (1847 – 1871), um dos mais famosos poetas românticos da Bahia, conhecido e amado como “poeta dos escravos”, teve sua produção marcada pela temática da liberdade e do amor. Seu envolvimento com a tendência revolucionária, a abolição da escravatura e a defesa da educação pelos livros “*Livros, livros à mão cheia*” o destacam como um precursor de boas novas e de lutas, para que o povo “[...] pudesse aprender a pensar” (ALVES, 1997 p. 25) e assim participar ativamente da sociedade.

educativos levados a termo pela família, pela religião e pela escola. Uma força presente nos modelos herdados e vividos, nos exemplos do cotidiano, nas canções, na literatura, nos manuais didáticos, enfim, nos veículos que entretendo, também educam mulheres e homens para a assunção de papéis sociais e para a manutenção da assimetria entre os sexos.

Mãe e professora. Papéis historicamente “talhados” para as mulheres. Uma construção social que define a conduta e os sentimentos adequados para que sejam aceitas e legitimadas socialmente. A não assunção da conduta maternal pode acarretar desajustes, pressões, desqualificação e exclusão social. Uma mulher que se nega a “atender o chamado da maternidade”, da doçura, da submissão ao homem, do casamento e do amor abnegado e incondicional, é rechaçada socialmente. Vale destacar que este é um “chamado” que só existe no espaço das construções ideológicas, como aponta Simone de Beauvoir ([1949] 1980: p. 278): “[...] Não existe “instinto” materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de uma situação e pela maneira porque a assume. É [...] extremamente variável.”.

Sendo mãe, Mabel Velloso acatava o modelo esperado, naturalizado para a feminilidade. Sendo professora abraçava a vocação, a missão de educar como próprias para a condição feminina, como extensão da sua função materna. Uma função que exigiria cuidado, atenção, disponibilidade e doçura, “próprias” da maternagem e apropriadas quando do ingresso das mulheres no espaço público (seja na docência, seja em outras áreas de atuação profissional).

Para mulheres e homens, culturalmente condicionados a assumir posturas e papéis socialmente legitimados, uma espécie de aprisionamento sustentado pelo determinismo biológico. Um cárcere, ainda que sem muros, sem grades, sem portões, mas de muitas janelas. Janelas discursivas que dizem de escolhas, assunções, de padrões sociais, de adequação, de tradição. Mas que silenciam e cerceiam reais possibilidades de existência para mulheres e homens concretos e impregnados de subjetividade, para além dos estereótipos que são impostos e “naturalmente” internalizados nos processos de socialização.

Tecendo e ensinando, contando e reproduzindo Mabel deixou profundas marcas na história da educação da Bahia. Desde que se formou em Magistério, em 1955 no ICEIA Mabel não parou de se dedicar à educação. E a literatura sempre foi a marca de sua metodologia. Por meio de suas histórias, as crianças descobrem sensações, emoções, tradições culturais. Em seus poemas, o traço intimista de quem viveu intensamente e tem muitas histórias pra contar.

Escreveu *Terno* (1995), uma “ode” à antiga e ainda viva, no Recôncavo baiano, tradição católica de homenagear a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus com cânticos, flores e muita luz.

Candeias (2000, p. 7) relato dedicado “[...] a todos que nasceram nas terras das Candeias e principalmente a quem renasceu nas águas dos seus milagres”. Nele expõe sua devoção a Nossa Senhora das Candeias e seus saberes sobre a aparição de Nossa Senhora neste local, a construção da Igreja da cidade, as lembranças das romarias e dos romeiros, das evidências de graças alcançadas e da enorme fé de um povo.

Escreveu *Irmã Dulce: a luta de cada um*, publicado pela editora Callis em 2005, onde relata a história desta mulher forte e de saúde frágil, possuidora de uma fé e vontade inabalável de ajudar o próximo. Conhecida mundialmente por sua índole caridosa, sua abnegação e firmeza de caráter, a Irmã Dulce dos Pobres (1914-1992) foi membro da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Reverenciada pela população baiana por seus feitos em nome do povo e, em especial a fundação das Obras Sociais Irmã Dulce, é conhecida como o Anjo bom da Bahia.

Escreveu as biografias de *Caetano Veloso e Gilberto Gil*, para a **Coleção Mestres da Música no Brasil**, da Editora Moderna. Publicação que busca, através de uma linguagem acessível a diferentes e jovens leitores, divulgar informações acerca dos grandes nomes da música nacional. Neles, Mabel Velloso tece, com indiscutível poética, o entrelaçamento entre a história de vida (recheada de musicalidade) desses autores, e a cultura regional. São obras que dizem de experiência de vida, de família, de amigos, de tradições e dos complexos processos de ensino e aprendizagem.

Essas e tantas outras publicações, não lhe permitiram “viver da escrita”, sua manutenção está diretamente atrelada à remuneração que recebe como professora pública aposentada. Fatores como o volume das tiragens em cada edição (e a dificuldade de reedição); o desinteresse editorial por poemas (ainda mais quando escritos por mulheres); e de grandes editoras que abracem suas produções locais (já que por decisão pessoal e política se nega a integrar o circuito editorial sul/sudeste) repercutem de maneira significativa no volume financeiro que obtém com suas obras.

4.Considerações Finais

Contanto e encantando Mabel Velloso abriu portas, janelas, novas possibilidades. Hoje, com mais de 80 anos, participando ativamente de projetos culturais, da formação de contadores de história pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia, das aulas de poesia na Faculdade Livre da Maturidade e de eventos ligados à educação e à cultura, ela prega que para viver é preciso envelhecer “*velhice é igual a trio elétrico, só não vai quem já morreu*” (uma analogia à música de

Caetano Velloso, Atrás do Trio Elétrico). Atenta e participativa em diferentes instâncias que veiculam educação e literatura, ela continua escrevendo e fazendo história. Assim recomeça a cada dia sua vida. Esta é a senha necessária para constantemente reabrir a porta, escancarar as janelas e assim desconstruindo, recomeçar.

Em sua vasta obra, sua ação docente, linguagens e significações, interrogações e exclamações; e a representação de mulher, mãe e professora internalizada ao longo de sua formação pessoal, social e profissional. Valores éticos, morais, religiosos, políticos, ideológicos, evidenciados e abertos a leituras, interpretações e aprendizagens se descortinam na interface entre os estudos de gênero, a história da educação e a história das mulheres.

E nas linguagens, nas linhas, em cada palavra, a visita ao passado, a descrição do presente e a esperança num futuro que vê pelas janelas, pelo jardim, pela que com destreza desliza em suas mãos. Escrevendo e contando ela tece o diálogo, a escuta, o silêncio, os fatos; tece a harmonia e nos entrelaça em seus olhares, experiências e emoções. Faz tentativa, e avança num relato que é denúncia, desabafo, ensino, reprodução; mas que é também possibilidade de reconstrução, transformação. Assim Mabel aposta na vida e ensina poeticamente que é preciso libertar-se. Ela intui, se entrega e escreve a sua, a nossa história. E nós, aprendemos com ela.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Pedagogia: a paixão pelo possível**. São Paulo: ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. V.2. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- DICK, S. M.. **Processo histórico de feminização do magistério baiano**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação. Sergipe: SBHE, 2008
- Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/246.pdf>>. Acesso em: 01.05.2016
- DUBY, George; PERROT, Michele. **História das Mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna**. – Porto: Afrontamento, 1994.
- FARIA FILHO, L. M et alli. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: **A escola e seus atores: educação e profissão docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- VELLOSO, M. **Janelas**. Salvador: EGBA, 1990.
- _____. **Candeias: milagres, romarias**. Salvador: FCJA, 2000.
- _____. **Donas**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2003.
- _____. **Gilberto Gil**. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres da Música).
- _____. **Caetano Veloso**. Coleção Mestres da Música. São Paulo: Moderna, 2002.
- _____. **Conversando com Nossa Senhora**. Salvador: Oiti, 2011.
- _____. **Terno**. Salvador: BDA-Bahia, 1995.
- _____. & ROCHA, C.. **Mulher nos cantos e na poesia**. [S.l], 1987.
- _____. **Poemas Grisalhos**. Salvador: FCJA, 1997.
- VELOSO, C. E. V. T. **Neide Candolina**.
- Disponível em <http://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/neide-candolina.html>